

BAÍA CABRÁLIA E PÔRTO SEGURO

ALVES CÂMARA
Cap. de Fragata

O presente trabalho foi extraído do relatório apresentado em agosto de 1940 à Comissão do Descobrimento do Brasil.

A comissão designada pelo Exmo. Sr. Presidente da República para determinar o verdadeiro local do descobrimento do Brasil e propor as medidas necessárias à perpetuação do feito, designou-nos para realizar o levantamento do trecho da costa do Estado da Bahia, entre as barras dos rios João de Tiba e Buranhém e efetuar os estudos históricos locais, de acôrdo com os documentos existentes.

Por solicitação do presidente da Comissão, ministro BERNARDINO DE SOUSA, ao Exmo. Sr. almirante ministro da Marinha, foi determinada à Diretoria de Navegação a designação do navio hidrográfico "Rio Branco" para incumbir-se dessa missão, pondo à sua disposição todos os elementos que se tornassem indispensáveis a seu completo êxito.

Na tarde de 15 de julho deixamos o pôrto do Rio de Janeiro, alcançando a baía de Santa Cruz Cabrália 2 dias após, onde fundeamos do lado S, ao abrigo dos recifes da ponta da Coroa Vermelha.

No dia seguinte iniciamos nossos trabalhos pelo reconhecimento do trecho da costa circunvizinha, com as providências iniciais do levantamento, que prosseguiu regularmente até o dia 30, quando tivemos que suspender para o pôrto da Bahia, afim de reabastecermos o navio e onde foram recebidos os "mosaicos" das fotografias aéreas executadas por um avião naval e de acôrdo com as instruções que lhe haviam sido prescritas.

A 7 de agosto o navio regressava à baía Cabrália, retomando os trabalhos em curso, para concluí-los nesse trecho dois dias após.

Deixando esta enseada a 10, mudamos o fundeadouro para a barra do rio Buranhém, afim de continuarmos o levantamento para o S da ponta Grande, até onde havíamos conduzido, com base no primeiro dos fundeadouros.

Êsse segundo trecho da costa, entre a ponta Grande e a ponta da Regueira, pouco ao S da cidade de Pôrto Seguro, teve seu levantamento concluído mais rapidamente, permitindo nosso regresso ao Rio de Janeiro, após uma semana de intenso trabalho.

Como informação de ordem técnica sôbre o levantamento realizado, devemos esclarecer que êle obedeceu às prescrições do Serviço Hidrográfico da Marinha, com as seguintes operações principais:

- a) triangulação, com a determinação da posição geográfica e orientação astronômica;
- b) topografia, mediante a restituição das fotografias aéreas;
- c) sondagem da costa, considerando a localização dos recifes, quer emersos, como imersos e seus contornos;
- d) nivelamento dos principais pontos, para facilitar a restituição do relêvo;
- e) observação da maré, para redução das sondagens;
- f) determinação da declinação magnética;
- g) levantamento direto do curso do rio Mutari, de sua foz até a base do Alto do Mutari.

Para que êsse levantamento pudesse servir a uma carta náutica, tornou-se conveniente limitar o trabalho ao N da ponta de Santo Antônio, encontrando-se para o vértice aí instalado as coordenadas:

$$\varphi = 16^{\circ} 12' 56'', 76 \text{ S}$$

$$\lambda = 38^{\circ} 58' 40'', 36 \text{ W Gw}$$

e ao S como limite a ponta da Regueira, cujo vértice ficou com as coordenadas:

$$\varphi = 16^{\circ} 27' 33'', 67 \text{ S}$$

$$\lambda = 39^{\circ} 03' 42'', 30 \text{ W Gw}$$

tendo sido na ponta da Coroa Vermelha a estação astronômica, havendo, assim, uma diferença de mais de 14 milhas entre os extremos da costa considerada

A área no sentido E—W abrange todos os recifes que se encontram ao longo da costa e até as primeiras elevações do terreno, permitindo o estudo dos ancoradouros, que podem ser utilizados pelos navios de diferentes tipos e portes.

O capitão de fragata ERNESTO MOUCHEZ em suas *Instruções Náuticas* editadas em 1864, resultado de seus trabalhos na secção da costa, entre a Bahia e o Rio de Janeiro, apresentou magnífica e minuciosa descrição desse trecho e apenas, rara informação precisa ser corrigida ou completada, principalmente sob o ponto de vista da navegação, objeto fundamental de sua campanha hidrográfica.

A baía de Santa Cruz Cabrália que representou em um plano particular, com maior número de detalhes, é um bom trabalho, para a época e por êle se pode verificar as condições de abrigo e segurança que oferece, condições essas claramente examinadas em seu roteiro

A forma e a quantidade dos recifes de coral que aí se encontram disseminados, como também mais para o S até próximo à barra do rio Buranhém, não estão corretamente representadas, como agora foi possível fazer com o emprêgo da fotografia aérea, em ocasião de baixamar, em que a maioria aflora, sondando-se em tórno e retificando-se suas posições. Muitos mesmo que não figuravam nos levantamentos anteriores, foram agora devidamente localizados, podendo-se com a sondagem definir os canais e as áreas livres de perigo para a navegação

Conquanto a baía de Santa Cruz Cabrália seja satisfatoriamente abrigada, mesmo para os navios que estiverem fundeados a meio de sua principal entrada, entre os recifes das Alagadas e a Baixinha da Coroa Vermelha, mais castigada pelos ventos do largo, é notável o abrigo que oferece sua parte sul, fechada pelo extenso recife da Coroa Vermelha, diante do qual se vai quebrar a vaga do SE, formada pelo vento que mais castiga a região, o mesmo acontecendo quando êle se alarga para E.

Para os ventos frescos do NE, que mais francamente penetram na parte S desta baía, o fundeadoiro é ainda abrigado, não só por que êsse vento, sendo local, não levanta muito o mar, como também pelo anteparo que oferecem outros recifes situados mais ao norte, além daqueles que fecham por fora sua parte setentrional

O ancoradouro nas proximidades da barra do rio João de Tiba é completamente abrigado para todos os ventos, à exceção do SE que o atinge mais diretamente, prolongando-se as vagas pelos boqueirões de acesso, porém, mesmo êstes, não são de molde a tornar incômodo ou perigoso o fundeadoiro em aprêço.

Percorrendo-se a costa para o S nenhum outro ancoradouro existe até os recifes dos Itacolomis e a ponta de Joacema, porque a costa é completamente despida de anteparos que permitam aos navios se defenderem dos ventos de S a E. Êsse é o caso do chamado Pôrto Seguro, a menos que se trate de pequenos navios, tipo barcaças, lanchas, etc., que podem entrar no rio Buranhém

Os vapôres da Companhia Baiana, calando mais de 8 pés, não podem fundear dentro desse rio e o fazem a sotavento da ponta do recife que constituiu sua margem, local de segurança muito precária, principalmente com marê cheia, ocasião em que a vaga passa por cima dêle. Trata-se de um fundeadoiro muito acanhado por causa da pequena bacia em que o navio pode permanecer, recebendo o vento com toda a violência. Enquanto durar o mau tempo é preciso tôda atenção para não garrar e ir sôbre a costa.

Os navios de maior calado fundeiam próximo à entrada, mas sem nenhum abrigo, tendo acontecido ao "Rio Branco" nesta comissão, debaixo do SE fresco, partir uma das amarras e perder a âncora, não tendo ido sôbre a costa por estar com suas máquinas prontas para suspender.

Para os navios veleiros de qualquer época, seria êste o fundeadoiro mais desaconselhado para tais ventos, porque uma vez garrando, não mais poderiam

se fazer ao largo, pelo fato da área ocupada pelos recifes e a posição da costa só permitirem a manobra justamente no quadrante em que sopra o vento e cresce o mar.

Ao contrário, os ventos de N a E tornam o fundeadouro de Pôrto Seguro tranqüilo, porque a série de recifes que partem da costa e se entendem até o grande recife de Fora, fecham completamente por esse lado todo o litoral contíguo à barra do rio Buranhém

Não seria admissível, pois, que a frota do Descobrimento, correndo para o norte à procura de um abrigo, apossada por vento fresco de SE, fôsse ancorar diante do atual Pôrto Seguro que nenhuma segurança oferece para os ventos de tal quadrante, ao contrário do que ressaltamos para a baía de Cabralia, principalmente se considerarmos que entre os comandantes e pilotos dos navios, muitos já eram bem experimentados e com desenvolvido senso náutico

A exceção dos recifes que constituem as margens orientais dêsses dois rios e que são de arenito, todos os outros provêm de formação coralígena dos três tipos de estágios distintos, alguns dêles já mortos

Amostras foram colhidas, não para estudos pois são tais formações já bem conhecidas, porém, como recordação, por têrmos estado sôbre êles sentindo quebrarem-se facilmente sob nossos pés, quando lá desembarcamos, mesmo em pontos que nunca se descobrem

Dentre todos êsses recifes, três possuem coroas que afloram na baixamar e são. o de Sequaratiba, próximo à ponta de Santo Antônio, o da Coroa Vermelha e o da Coroa Alta que, como seu nome indica, se mantém acima das mais altas marés, encontrando-se coberta de vegetação rasteira que se lhe fixou

A Coroa Vermelha que ocupa uma área muito restrita em relação ao espriamento dos recifes sôbre que se formou, ao contrário das informações anteriores, cobre-se em qualquer preamar e sua constituição parece resultar dos fragmentos de coral quebrados pela vaga a barlavento e arrastados por sôbre os recifes, formando-se em tal posição pelo trabalho da maré, entrando pelo N e pelo boqueirão dos Franceses, encontrando-se as duas correntes no prolongamento da ponta da Coroa que, quando a maré baixa, se liga a seco com ela, e consequentemente aos recifes que se distanciam cobrindo uma extensão de mais de 1 700 metros O centro desta coroa está acêrca de 360 metros da ponta.

Em geral, quando se perfuram os recifes de coral, verifica-se a existência de uma crosta de 50 a 60 centímetros de calcáreo, abaixo da qual já se encontra areia Esse fato foi por nos constatado no extremo dos recifes da Coroa Vermelha, e no recife de Fora de Pôrto Seguro, onde instalamos sinais, em ocasião de baixamar

Não sendo possível o desenvolvimento dos corais, descobertos ao sol, a maioria dêsses recifes tem sua parte superior abaixo do nível médio, de modo que permanecem pouco tempo a êle expostos Por essa razão, o desenvolvimento maior se observa nos que ainda se conservam mergulhados e que são os mais friáveis

Nesse trecho da costa pode-se saltar sôbre os recifes por ocasião da baixamar, naturalmente a sotavento e percorrê-los a pé em grande extensão, sendo o recife de Fora (Pôrto Seguro), aquêle que ocupa maior área, tendo um comprimento avaliado em mais de 3 quilômetros

A costa, vista do largo, apresenta-se com moderada e uniforme elevação, mais baixa no N de Santa Cruz, elevando-se gradualmente até alcançar as barreiras de Pôrto Seguro que, depois do Monte Pascoal, constituem as melhores marcas para reconhecimento da região Essas elevações não vão além de 60 metros para esta barreiras, reduzindo-se a 35 e 40 metros para as colinas de Pôrto Seguro (cidade) e Santa Cruz

A exceção das barreiras vivas que são aquelas ao S de Pôrto Seguro, as outras que ficam logo ao N da cidade, já estão em parte cobertas pela vegetação e assim pouco visíveis ao mar Para o norte as elevações que apresenta a costa se estendem em planalto para o interior e como as demais, apenas interrompidas pelos vales dos dois maiores rios que vêm aí desaguar

No trecho da costa que levantamos, as elevações mais próximas do litoral são aquelas em que se acham edificadas as cidades de Santa Cruz e Pôrto Seguro As outras que lhe são contiguas conservam-se cobertas por densa vegetação, principalmente em Santa Cruz, onde as madeiras de lei são extraídas bem próximo do litoral Tôdas essas elevações têm a mesma constituição de

argila ou de arenitos argilosos muito moles, de côres variantes do amarelo claro ao vermelho e com declive do lado do mar muito acentuado, o que torna fácil às chuvas a produção de erosões profundas e a conseqüente queda de barreiras.

Sendo uma região de chuvas muito freqüentes, a vegetação refaz-se e desenvolve-se rapidamente, não se tendo a impressão do corte das madeiras e do trabalho das roças, em estado muito limitado no litoral, com população escassa e indolente, existindo como resultados mínimos, algumas plantações de coqueiros que constituem, com a extração da piaçava, das madeiras, e mais para o interior, também o plantio e a colheita do cacau, as principais ocupações locais.

Os habitantes dos municípios de Pôrto Seguro e Santa Cruz são muito ciosos das glórias do Descobrimento, existindo mesmo, certa hostilidade entre êles resultante das discussões e controvérsias sôbre o ponto exato em que a esquadra de CABRAL ancorou e permaneceu em segurança.

Santa Cruz Cabrália que, com razão, se considera o local em que aportaram os descobridores, mais exaltada ficou após a revoada de 1939 a Pôrto Seguro em que tomou parte o almirante GAGO COUTINHO que ali deixou sua acatada opinião em favor desta localidade.

Acresce ainda a circunstância de que por ocasião da recente fixação dos limites inter-municipais, terem dado para Pôrto-Seguro como limite o rio Jardim, que não vai ao oceano por ser afluente do Mutari, já próximo da barra, mas que teria de incluir em seu território a ponta da Coroa Vermelha. O limite anteriormente aceito, era a ponta Mutá, ao S daquela, como passou novamente a ser considerada pela retificação posteriormente publicada

Entre a ponta de Santo Antônio e o Pôrto Seguro, diversos rios vão desaguar, alguns de forma contínua e outros não, a causa de seu pequeno débito, permitindo o fechamento de suas barras pela vaga do largo

Dêles, os principais são. o João de Tiba, que banha a cidade de Santa Cruz e que só dá acesso até o pôrto da cidade a embarcações que calem menos de 1 metro, em baixamar, e por um canal muito caprichoso, o mesmo acontecendo para aquelas que entram pelo boqueirão aberto a meio dos recifes que constituem sua margem direita

Até à localidade de Santo André, pouco acima do pontal da barra, podem chegar os navios que calem até 3 metros por ocasião da baixamar, não podendo ter comprimentos muito acima de 30 metros, pela dificuldade de manobrem na apertada bacia que lhe fica em frente.

Entre o pontal de areia e o recife, na barra, o canal profundo é extremamente estreito e com a preamar podem entrar navios com 4 metros de calado, porém que seriam obrigados a ficar nessa passagem bem amarrados de proa e pôpa em atenção à corrente da maré, naturalmente mais acentuada na vazante.

A amplitude das marés vivas é na bacia Cabrália de 2,10 m, o que permite a certas embarcações subirem o rio aproveitando a maré alta.

Mais ao S, em comunicação com o rio João de Tiba e o riacho Iaiá, os recifes deixam outra abertura por onde passam as canoas com maré cheia. É êsse o pequeno boqueirão chamado Aracacaí.

O rio Mutari, acidente importante em relação aos fatos ocorridos na semana do Descobrimento, tem sua foz na costa próxima à ponta da Coroa Vermelha, em posição melhor abrigada

Atravessando os alagadiços que se encontram entre o areial que se estende paralelo à praia e as primeiras elevações para dentro da costa, contorna a base do morro que se denomina Alto do Mutari e corre em direção ao mar, onde vai desaguar depois de inflitir-se para o S e percorrer cêrca de um quilômetro paralelo à praia e dela distando 20 a 30 metros.

Sua barra parece deslocar-se de pouco durante as estações, em virtude da direção dos ventos e conseqüentemente da vaga tendendo fechá-la e assim, obrigando a mudar para local mais abrigado e tendo já defronte uma formação de coral de mistura com a vaza por êle carreada

Essa ação do mar é que naturalmente obrigou o rio a correr em tal distância, ao "carão da praia", até encontrar uma posição em que a ação da vaga fôsse sobrepujada pela sua descarga.

Verificou-se a meio dêsse último trecho do curso do rio que na baixamar das águas vivas, a diferença de nível entre a superfície de suas águas e a do mar e de 2,10 metros em uma posição em que existe um degrau, formando pequena corredeira.

Na maré baixa, a barra conserva a profundidade que não vai além de 20 centímetros e as águas descem com acentuada velocidade em consequência da diferença de nível apontada. Com as marés cheias as canoas podem entrar e subi-lo até onde a vegetação permitir, o mesmo acontecendo no Jardim.

Sua largura é em média de 4 a 5 metros, estreitando-se acima da foz do rio Jardim, único afluente notável que possui. Conquanto não se tivesse medido a descarga desses rios, é ela de valor bem apreciável e de água doce, examinada até às proximidades de sua barra, na maré vazia.

Por ocasião do preamar há certa mistura das águas, mas nunca a invasão da salgada rio acima, obtendo-se no rio Jardim e no curso do Mutari, acima dele, água potável em que o grau de salinidade é tão diminuto que pode ser empregada nas caldeiras dos navios.

Em qualquer maré, pode-se colher água no trecho em que ele corre paralelamente à praia e utilizá-la para beber e outros fins.

Outro ponto que deve ser considerado é o local para desembarque nesse trecho da costa e que, por ser o mais manso, sempre foi utilizado: aquele que fica contra o S da barra, isto é, do lado do S, como o faziam os tripulantes dos navios de Cabral.

A costa do lado do N é mais batida à proporção que se distancia da barra desse rio

Seguindo-se o curso do rio Mutari, logo que se atravessa o primeiro têsó, constituído pelo areial branco, denominado Lençóis e que tem de elevação em ambas as margens cêrca de 5 metros acima do nível do mar, êle serpenteia até contornar o sopé do Alto do Mutari entre capoeiras pouco elevadas que o encobriram da fotografia aérea, obrigando-nos a levantá-lo diretamente, com certa dificuldade.

Em tôda enseada Cabralia verifica-se ser a costa apaulada por dentro dos Lençóis, existindo alguns alagadiços que podem ser considerados lagos, como o que se encontra por dentro das pontas da Coroa Vermelha e Mutá.

Continuando-se para o S, atravessa-se pequenos córregos nas proximidades das Pontainhas, pouco ao N da ponta Grande e que servem de drenos dos alagados vizinhos.

Da ponta Grande até Pôrto Seguro existem 5 riachos de pequena descarga, que permanecem a maior parte do tempo com suas barras fechadas e que se denominam Maudai, Gurape, Bica da Velha, Ponte de São Francisco e rio da Vila. Um sexto rio, mais importante e com descarga permanente, tem sua barra localizada entre o Mundai e a ponta Grande, é o rio dos Mangues.

Nenhum daqueles riachos corre ao carão da praia para desaguardem, mas formam junto ao litoral, pequenas lagoas quando suas barras estão fechadas

Dêles o mais importante é o da Vila, de que as lavadeiras se utilizam por ser o mais próximo da cidade.

O rio Buranhém, bastante conhecido, tem origem de seu curso na serra dos Aimorés, sendo no estuário o pôrto da cidade de Pôrto Seguro e como já referido, sé nêle podendo entrar pequenas embarcações.

Além do cordão dos recifes de arenito que forma sua margem oriental, desde a ponta da Regueira, em que passa a correr para o N procurando desaguard, existe apenas junto à barra e por dentro do rio, um pequeno grupo de pedras em que na baixamar emergem algumas de suas pontas. Os próprios recifes da margem e que atuam como um quebramar natural, por ocasião da maré cheia são galgados pela vaga, quando não cobertos completamente pelo mar em alguns trechos

Êsses recifes se estendem para o S, sempre bordando a costa, encontrando-se de quando em vez, boqueirões ou soluções de continuidade de maior extensão.

À exceção dos recifes que acabamos de referir, não existe próximo ao Pôrto, nenhum outro que na vazante possa ser considerado um ilhéu. Já bem distante o Itassepanema descobre pequenas extensões e o recife de Fora, aquele que ocupa maior área quando descoberto, assim se conserva durante pouco tempo, por ser muito baixo. Êsse recifes estão, respectivamente, a 2,8 e 4,5 milhas da barra do rio Buranhém

As informações que aqui deixamos consignadas, servem para completar a carta da região levantada.

Quer nos parecer que todos os pontos e acidentes geográficos referidos na carta de PERO VAZ CAMINHA e contidos no quadro que compôs de maneira tão expressiva, foram salientados para melhor ilustrá-la é evidenciar as conclusões a que já chegaram, a bem dizer, todos os historiadores e cronistas que, a respeito do Descobrimento do Brasil, têm narrado ou discutido o feito, apoiados nos três documentos conhecidos e dentre os quais ressalta a célebre carta, primeiro capítulo da nossa História *

PARECER, ANEXO AO RELATÓRIO DA COMISSÃO REALIZADA NA
COSTA DA BAHIA

Outubro de 1940

A oportunidade que tivemos de levantar o trecho da costa da Bahia, entre a ponta de Santo Antônio e Pôrto Seguro, com a extensão de cerca de 15 milhas, permitiu-nos conhecer objetiva e minuciosamente todo o litoral compreendido, não só sob o ponto de vista topográfico, como relativamente à hidrografia e condições náuticas, em consequência da missão de que nos achamos investidos, procurando interpretar o quadro descrito por CAMINHA, com seu agudo espírito de observação, ainda mais despertado pelos comentários que se faziam em seu derredor, embarcado, como se achava, em a nau capitânea e na companhia de capitães e pilotos destacados, seguindo-os nos seus desembarques na terra descoberta.

Seria enfadonho aqui reproduzir a resenha cronológica dos fatos ocorridos, desde a primeira visão daquele "monte mui alto e redondo", confirmação iniludível do achamento, se antes indícios concludentes não tivessem sido constatados, nem tão pouco tecer considerações de ordem vária para demonstrar a razão dêsse ou daquele episódio, conjecturando sobre ações e intenções

Historiadores e cronistas dos mais autorizados, não pouparam esforços para esclarecer o acontecimento, procurando interpretações, baseados nos poucos documentos conhecidos, afim de precisarem como os fatos se passaram.

Quem percorre a mais completa coletânea do que já tem sido escrito sobre o assunto, que é sem contestação a *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, sente-se plenamente satisfeito

É uma obra que honra a cultura de seus organizadores e comentadores, que tiveram a preocupação bem definida de esgotar o assunto, embora sempre inesgotável para aqueles que apreciam as controvérsias que podem ser criadas, principalmente nesse ramo das cogitações humanas

Se os documentos são os mesmos sobre que têm sido firmadas as narrativas, opiniões e comentários, a maioria dos autores, entretanto, não teve a felicidade de ver de perto o teatro dos acontecimentos históricos ou apoiar suas investigações em cartas mais precisas, abrangendo em conjunto a costa agora levantada

O comandante MOUCHEZ, sempre citado, teve a preocupação de efetuar um levantamento particular e detalhado da baía Cabrália, representando-a em um plano de maior escala, o que não fez em relação ao trecho da costa que continua para o S

Certamente, êsse notável hidrógrafo, não teve a intensão de recompor a história do descobrimento, mas, apenas, dotar os navegantes de um instrumento náutico que lhes orientasse com segurança ao longo da costa, completando-a com as indicações e dados quanto aos surgidouros que nela se encontram.

Com o seu senso náutico a serviço da missão de que se achava incumbido, verificou MOUCHEZ quão diferente era sob o ponto de vista da navegação a baía Cabrália do Pôrto Seguro, reconhecendo que aquela merecia uma representação particular, enquanto que êste era incluído na carta da costa de acôrdo com a divisão que adotou

As referências que em suas *Instruções Náuticas* faz aos dois ancoradouros são muito explícitas quanto às condições de abrigo que oferece cada um dêles, tecendo considerações que muito os distinguem

É que a baía Cabrália é aquela enseada que CAMINHA descreveu como sendo de entrada "mui larga e alta de seis a sete braças" e que "dentro é tão grande e tão formosa e tão segura que podem jazer dentro dela mais de duzentos navios e naus", abrigada dos ventos, sobretudo do SE que acossara os navios na sua corrida para o N, condições de abrigo e largueza que não são encontradas no Pôrto Seguro atual.

* N da R — Esta parte já foi publicada em *Anais Hidrográfico* — Tomo IX — 1941/1942.

Seria admissível aos Capitães que haviam aconselhado ao Capitão-Mor rumar para o N a procura de um abrigo, porque a posição em que passaram fundeados na segunda noite, era tão desabrigada que tendo o SE refrescado, fizera garrar alguns navios, inclusive a nau capitânea e que deixando êsse fundeadouro fôsem surgir em local ainda mais desabrigado, vendo arrebrantar a sotavento os numerosos recifes que ali se formaram? Diremos mais desabrigados, porque próximo à costa e em frente ao Monte Pascoal, os recifes que se estendem para o largo e dentre os quais se destaca o parcel dos Abrolhos, impedem, ao menos, que o mar cresça, o que não ocorre em frente à barra do rio Buranhém

Seria aceitável que, ao invés de fundearem em frente à barra dêsse rio, tivessem entrado em seu estuário e que essa ocorrência não ficasse registrada e ainda que aquêles perspicazes nautas considerassem tal estuário como uma baía, sem que durante a semana de permanência não houvessem reconhecido seu engano? Pergunta que fazemos apenas para argumentar, porque o rio Buranhém não poderia receber navios do porte das naus que ali foram ter, constituindo a esquadra das Índias, tais as condições hidrográficas, notoriamente más, que possui, a menos que naquela época fôsse êle francamente navegável

Como o encontramos, sômente barcaças podem subi-lo até o pôrto na preamar, precisando escolher um dos poços para ficarem flutuando quando a maré baixa. A nossa lancha, calando 60 centímetros era obrigada a seguir, com cuidado, o estreito canal para não encalhar e muitas vêzes isso aconteceu

A frota do Descobrimento deveria ter observado, como hoje acontece, as inúmeras arrebentações que bordam a costa com sua branca espuma, principalmente quando sopram os ventos do largo e entre Pôrto Seguro e a baía Cabralia são elas seguidas até a entrada desta, em que há uma solução de continuidade bem extensa, permitindo, a quem dela se aproxima, reconhecer sua larga e remansosa entrada e verificar que mais para o N as arrebentações continuam e alargam-se

Mestre João, com seu grande astrolábio, ai desembarcou para medir a altura meridiana do Sol, concluindo, para a latitude local, o valor de 17° e que por corresponder a de paralelo muito mais ao sul, tem servido de apoio à opinião de quem julgou ser o último fundeadouro Pôrto Seguro, em que apenas difere essa coordenada de 7 minutos, para a posição considerada na Cabralia

A declinação do Sol, para o dia da observação do físico da frota e daqueles dois pilotos que o acompanharam, era de 16° 51', valor que foi arredondado para 17°, porque a precisão do instrumento usado e a dificuldade de acompanhar o astro até o meridiano, isto é, até a obtenção da altura máxima desejada, desaconselhava o cômputo de minutos, quando a observação poderia estar errada de grau.

Se as considerações que expendemos em nosso relatório sôbre a missão que nos confiou a Comissão, juntamente com aquêles que temos lido e apreciado alhures, não bastassem para definir o último fundeadouro da frota de CABRAL, as que acabamos de aduzir, quer nos parecer, seriam bastantes para confirmar o acerto dos historiadores que, na sua quase unanimidade se tem manifestado, opinando pela baía que AIRES DE CASAL tão bem batizou

A consideração da baía Cabralia como sendo o local em que de fato ancorou a esquadra, conforta e tranqüiliza imediatamente o espírito do investigador, porque tudo mais que se passou se ajusta perfeitamente à descrição do quadro, em que ainda hoje se vê reproduzida a natureza, quase, como fôra encontrada e em que todos os personagens poderiam mover-se sem que fôsse necessário forçar interpretações para a compreensão das frases epistolares do escrivão de Calecut

Logo ao primeiro desembarque, "fomos de frecha direito à praia", para mostrar que do fundeadouro em que se achavam, poderiam ir diretamente abordar a praia e onde ao saltarem verificaram que os indígenas "passaram um rio que ai corre de água doce e muita água, que lhes dava pela braga"

A área ocupada pelos navios ao abrigo do "ilhéu grande, que na baía está, que de baixamar fica mui vazio", é bem a que corresponde às profundidades citadas e ao abrigo do tempo que então reinava, posição de onde se indo "de frecha" ao litoral, encontrar-se-ia o rio de água doce correndo ao "carão da praia" e que "não é mais ancho que um jôgo de mancal"

O ilhéu era de "tôda as partes cercado d'água que não pode ninguém ir a êle sem barco ou a nado", o que não se dá na época atual, devido, naturalmente, ao assoreamento que ligou a ponta aos recifes da Coroa Vermelha permitindo na baixamar, atingi-los a pé enxuto.

Esse assoreamento vai-se produzindo por todo o trecho da costa bordada pelos recifes de coral franjados, que aí se formaram e se desenvolvem.

Pelo boqueirão dos Franceses entrara em tempos idos um navio dessa nacionalidade para a enseada de Mutá, dos que se ocupavam com o tráfico de pau-brasil, conforme reza a crônica, que se transmite em Santa Cruz de geração a geração, o que seria impossível ocorrer hoje, por achar-se essa enseada bastante obstruída pela areia que nela vai entrando.

Os recifes da Coroa Vermelha na baixamar de qualquer maré descobrem-se em grande extensão, como se verifica do plano apresentado e onde se pode permanecer durante muito tempo, em que dura o final da vazante e o começo da enchente, tempo nunca inferior a 4 horas e sobre os quais podem andar livremente centenas de pessoas. Durante esse período, dão bem a impressão de um "ilhéu", sobre o qual se destaca a curta e pouca elevada Coroa Vermelha e uma pequena moita de mangue da espécie *siribeira*, que aí se mantém há muitos anos (pelos menos mais de cem) conforme o testamento de ascendentes dos atuais moradores do litoral, moita raquítica, devido a ter vicejado sobre o coral e na orla interna do recife, onde existe pouca vazaa, sendo sua copa a única cousa que se conserva a florada com as marés cheias.

Sobre a Coroa Vermelha, por ser a parte mais seca e de chão mais uniforme, é que no "domingo da Pascoela, pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação", dia de sizígia e ocasião que correspondeu à baixamar, de acôrdo com o *estabelecimento do pôrto local*

Essa coroa, como já acentuei em relatório, é um acidente de mínimo relêvo, mas que teria sido a posição escolhida para a celebração da primeira missa, por sua própria constituição, tendo o "ilhéu", na sua maior parte, uma superfície muito irregular com numerosas poças que se formam quando baixa o nível das águas.

"Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a água e descobre muita areia e muito cascalho", como bem arremata CAMINHA na sua interrompida descrição dos recifes da Coroa Vermelha, que não tem semelhança com qualquer outro para o S até Pôrto Seguro e que tão bem se adapta às outras de suas citações, ao pintar a paisagem da ilha de Vera Cruz em que viveram o magno acontecimento da História dos Descobrimentos ou que com ela tiveram correlação.

Na "sexta feira, primeiro de maio, saímos pela manhã em terra, com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu, que seria melhor cantar a cruz para ser melhor vista; e ali assinalou o Capitão, onde fizessem a cova para a cantar".

É fora de dúvida que o ponto de desembarque foi entre a barra do rio Mutari e a ponta da Coroa Vermelha, não só por ser o trecho mais manso, como para ser a cruz melhor vista e aí determinou o Capitão que se abrisse a cova, enquanto "êle, com todos nós outros, fomos pela cruz, abaixo do rio onde estava", para buscá-la.

O sentido de *abaixo do rio* parece indicar o lado onde corre o rio, para não confundir com a informação do desembarque "acima do rio contra o sul".

Carregando a cruz que se achava feita e encostada a uma árvore, como se fôra uma procissão, passaram o rio ao "longo da praia" e foram com ela "por onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de besta".

Se já haviam desembarcado ao sul da barra do rio, não seria seguindo rio abaixo que depois poderiam voltar com a cruz e passar o rio ao longo da praia, porque para o lado do sul da barra êle não tem seu leito, visto como, todo seu curso ao "carão da praia", é para o norte da barra.

Esse trecho da histórica carta, é o que apresenta certa confusão por causa da locução "rio abaixo".

O local da segunda missa e no qual foi chantada a cruz de Cristo como símbolo de fé e para que ficasse assinalada a posse da terra, tem suscitado dúvidas e interpretações diversas.

Assim, os frades Capuchinhos erigiram em 1898 um cruzeiro na ponta da Coroa Vermelha, por lhes ter parecido que ali fôra o ponto, "que seria melhor cantar a cruz para melhor ser vista", embora distando do rio muitos "tiros de besta", enquanto que o major SALVADOR PIRES o considerou sobre uma colina de 11 metros de altura, situada à margem esquerda do rio, antes de chegar próximo ao litoral, para começar a correr ao "carão da praia".

Essa posição não só não está de acôrdo com a narrativa, que diz que foram desembarcar ao sul do rio e onde o Capitão designou o lugar para abrir a cova, como não encontramos em nosso trabalho de campo nenhuma elevação de 11 metros no ponto indicado, como em tôda a área que se estende entre o alto do Mutari e a costa. Seria possível um engano no nivelamento, mais igual altura deveria ter sido achada na margem oposta onde o rio corta o têsso de areia que se eleva de 5 metros acima do nível do mar

O local da Cruz do Capuchinhos não sendo no alto dos morros existentes, variando de 30 a 40 metros e que ficam mais para dentro e onde seria ela melhor vista, caso êsses morros fôssem debastados na ocasião do Descobrimento e mesmo presentemente, a exceção do alto de Santa Cruz, onde existe a igreja, é, entretanto, aquêle em que o Cruzeiro é visível de tôda a baía Cabrália e para o sul até a ponta Grande, para quem está sôbre o litoral, porquanto do mar essa visibilidade é maior. A posição é baixa porém destacada, por ser na extremidade da ponta da Coroa Vermelha, pontal mais avançado dêsse trecho de costa.

A interpretação dos Capuchinhos não pode ser considerada ao pé da letra, não só pela distância a que está a ponta do rio como porque essa posição proeminentemente talvez não escapasse à narativa.

Não é possível, ao nosso ver, precisar onde a Cruz de Cristo foi tão solenemente erigida, mas não resta dúvida que o foi próximo da praia molhada, na elevação de areia sêca que separa o litoral do alagadiço e entre a barra do rio Mutari e a ponta da Coroa Vermelha.

